



CORPO DE DELITO

Croniqueta com Steiner, Markl, Ramiro e Francisco

Cada um de nós tem um pedaço de sacana dentro de si, nuns é maior e noutros é menor, e contra isso o saber e a cultura podem lutar, mas também podem refinar



Rui Patrício

Umás vezes escrevo estes textos com antecedência; outras, poucò tempo antes; outros escrevi há muito e publico depois (e outros não, e talvez nunca publique). O que estava para ser esta semana já estava pronto, era sobre a presunção de inocência e puxava para título o filme de Buñuel "O Charme Discreto da Burguesia". Mas na quarta-feira estava a pôr em dia leituras atrasadas e estive que tempos a ler e a reler a entrevista de Nuno Markl ao "Jornal de Negócios", na edição de 29 de março. O que eu gostei da entrevista! E o mar de recordações e nostalgia que ela me trouxe. Deus meu, o vinil, o Spectrum, o "Verão Azul", o videoclube, o ter tempo, o estar metido em casa, e tantos etcéteras! Poderia escrever crónicas sobre essas coisas, eu que também tenho 46 anos e grande parte daquelas vivências. Mas foi o final da penúltima resposta que me puxou para esta crônica, e deixei a presunção de inocência para outra altura. Disse ele sobre as suas cadelas que são seres sem maldade, apesar de não terem arte nem cultura. E lembrei-me de uma coisa em que acreditei anos a fio – é impressionante como às vezes acreditamos em coisas anos a fio – e de que só me dei conta de que obviamente não era bem assim ao ler George Steiner (por isso é que ele é o Steiner e eu sou eu, ele viu cedo e bem e eu só vi tarde e ao lê-lo). Julguei eu durante muito tempo, especialmente na adolescência e no princípio da idade adulta

(aqueles tempos em que as certezas crescem na mesma proporção da agitação das hormonas), que o saber e a cultura eram barreiras contra a barbárie – mais ou menos na linha do que Adriano Moreira disse em entrevista ao "Sol" de 23 de março, sobre o poder da palavra poder vencer a palavra do poder. Mas, um dia, Steiner acordou-me ao realçar que, por exemplo, o nazismo tinha nascido e vingado num país muito culto. E é verdade, embora eu não tenha totalmente deixado de achar que o saber e a cultura podem ajudar a civilizar, já não acho é daquela maneira dogmática que todos temos aos 20 anos. E o Nuno Markl explica muito bem uma parte de ser assim: é que cada um de nós tem um pedaço de sacana dentro de si. Nuns é maior e noutros é menor, e contra isso o saber e a cultura podem lutar, mas também podem refinar. Mas isso eu já sabia, só não me lembrava, às vezes é preciso que nos recordem o óbvio. Aprendi logo na infância, que é quando aprendemos muitas coisas, embora às vezes só de algumas venhamos a dar-nos conta depois. Aprendi com quem me criou e me formou: os meus pais, o meu avô materno e as minhas avós materna e paterna. A todos devo muitas coisas, mas hoje deixo o exemplo do meu avô Ramiro, que só tinha a quarta classe, mas que me ensinou muito sobre humanismo e travões à barbárie, mesmo sem conhecer Cervantes ou Goethe. E foi também ele, junto com o meu pai, Francisco, quem melhor me ensinou a estar atento para reconhecer os traços de sacana que há em cada pessoa (sem exceção), e em especial aqueles que, mais ou menos cultos e sabedores, são sacanas de todo.

Escreve quinzenalmente à sexta-feira